

SBH
Pt 96 ex 14
58/11/19
Liana do Povo
L.P.

Considerações em torno de uma cátedra

José Roberto do Amaral Lapa

A solenidade de encerramento das provas do concurso, para provimento da Cátedra de História da Civilização Brasileira, realizada na noite do dia 14 p.p., no salão nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a qual tivemos a ventura de assistir, nada mais foi do que o coroamento de uma longa e invejável carreira cultural de um dos nossos mais esclarecidos e eruditos ensaístas, e por certo não menor nas qualidades de magistério, o dr. Sérgio Buarque de Holanda, que com distinção, outorgada nas notas de todos os examinadores, assumiu aquela cadeira, permitindo-nos com isso a indevida liberdade de algumas ligeiras considerações, feitas "currente calamo" e com a defeituosa perspectiva provinciana, sem nenhuma pretensão crítica, mas e sim no registro de um fato, que a nós outros, eleitores da História da Civilização Brasileira, como motivo do nosso trabalho intelectual, assume uma importância das mais promissoras.

A cadeira fôra inicialmente entregue a proficiência de Afonso de Escagnole Taunay, então o maior sabedor dos fastos piratininganos e aquele, que depois de Varnhagen, deu um conjunto dos mais vastos e impressionantes, por essa mesma vastidão, de estudos e revisões, de coletâneas e documentários da história brasileira.

Pela tarefa imensa a que se propôs e cumpriu, Afonso Taunay continuou a tradição que vinha de Varnhagen, passando por Capistrano de Abreu, e em menor escala por Rodolfo Garcia, de coligir, rever e concatenar, em ciclóptico esforço, uma vasta documentação, num levantamento destinado mais a "equipes" e bibliotecas, mas que apenas um fator lograva realizar, para um certo orgulho das letras indígenas. Na verdade, e com isso apenas repetimos considerações lidas alhures, é ainda cedo para julgarmos a obra do mestre da "História Geral das Bandeiras Paulistas", que às vezes é massuda e de difícil leitura, e que exigirá, ainda, acreditamos, um anotador do porte de Capistrano, para uma empresa desalentadora por vários motivos. Como reconstrução e análise documental, a nosso ver, a obra de Taunay está, sem favor nenhum, ao lado de Varnhagen e Capistrano.

O sucessor de Taunay nessa cadeira foi o prof. Alfredo Ellis Júnior, que desde logo se meteu a um trabalho ambém de "revisionismo" da história de São Paulo, que

resultou numa série, quantitativamente, numerosa de estudos.

A este terceiro ocupante, Sérgio Buarque de Holanda, resta a mais importante tarefa, e que talvez, não sabemos na verdade, se iniciará com certo atraso: a de cotejar, realmente, os nossos estudos de História do Brasil, com os que se processam nas demais cadeiras de História Geral e a de iniciar, como já foi anunciado que ele iniciará, através da publicação da História Geral da Civilização Brasileira, programada entre outros inestimáveis serviços editoriais da Difusão Européia do Livro, o estudo sistemático de nossa civilização, que tem nas suas obras anteriores contribuições encomiásticas, ainda que algumas se apresentem um pouco indecisas entre a história e a sociologia.

Há, entre os nossos ensaístas, aqueles que sem exagero, podemos aduzir de clássicos, pelo rigor científico de seus estudos e pelo avançado critério de suas pesquisas e conclusões. São poucos, na verdade, aqueles que em diversas ciências têm logrado manter esse plano alto, na busca de uma compreensão e interpretação da realidade nacional.

No campo das ciências sociais, e aqui convimos que exatamente de duas décadas para cá (comemora-se este ano o 25.º aniversário da primeira edição de "Casa-Grande & Senzala"), as nossas letras históricas passaram a receber uma contribuição inigualável até então, por parte da Sociologia. Os nomes de Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e Fernando Azevedo, "lideram", se assim pudermos nomear, uma "equipe" de excelentes ensaístas.

O atual catedrático de História da Civilização Brasileira tem largas credenciais para a empresa que o espera, a da formação de uma "equipe", abusando desse termo, de historiadores e estudiosos, dentro dos prismas, com que se encaram os critérios, métodos e até mesmo técnicas da historiografia moderna, setor em que aquela Cadeira, quase nada conseguira, salvo as indefectíveis "honrosas exceções", que infelizmente, são poucas.

Entretanto, não se repetiu o mesmo com as cadeiras de ciências sociais, entregues inicialmente a professores estrangeiros, como a sociologia, etc. Finalmente, parece ter chegado a vez da História da Civilização Brasileira.

Liana do Povo
19. 11. 58